

# Conexão Brasil, Uruguai, Haiti: a Escrita Feminina Negra na América Latina

Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves\*

## RESUMO

---

Este artigo se propõe a traçar possíveis territórios de escrita feminina afro-descendente na América Latina e a estabelecer relações com o legado histórico da diáspora. Para tal, baseio-me na poesia de Conceição Evaristo, do Brasil; de Cristina Cabral, do Uruguai; e de Marie-Célie Agnant, do Haiti. Concentro-me em três aspectos que considero os mais relevantes para este estudo, a auto-percepção, a escrita do lugar de origem e a revisão da história.

**Palavras-chave:** Diáspora. Transnacionalidade. Feminismo.

*Je veux ma plume  
Ciseaux  
Je veux ma plume  
Et réinventer ta vérité  
Ô Monde  
Marie-Célie Agnant*

O conceito clássico de diáspora está associado à experiência judaica de exílio forçado, a dor, a sofrimento. É também aplicado ao grande movimento de negros originários da África que vieram para o Novo Mundo via escravidão – a diáspora negra. Essa visão da diáspora como experiência não voluntária e, portanto, traumática implica um sentimento de perda, resultado da inabilidade de retorno à terra de origem. A associação de diáspora com trauma, (apesar de não dar conta de todos os tipos de diáspora, por exemplo, o número de engenheiros originários da Índia que trabalham no Vale do Silicóne nos EUA) implica uma tensão entre dois lugares: o de origem e o novo.

Dessa tensão resulta o sujeito diaspórico, o sujeito híbrido, que não se refere a uma composição racial mista da população, mas a um processo de tradução cultural, que nunca se completa já que está em constante negociação, e cuja experiência perturba modelos fixos de identidade cultural. Cabe-nos pensar em primeiro lugar, como se dão esses processos de negociação, e em segundo, o que a experiência da diáspora causa a modelos fixos de identidade cultural.

É nesse sentido que relacionamos diáspora à deformação da nação, quer dizer a condição diaspórica rompe com a idéia de estado-nação, porque perturba a idéia clássica de nação e questiona formas de nacionalismo relacionadas à homogeneidade.

Nesse caminho é que Paul Gilroy, em *O Atlântico Negro* discute a necessidade de ultrapassar perspectivas nacionais e nacionalistas a favor de um espaço de expressão simbólica que atravessa vários continentes e que une África, América, Caribe e até Europa.

---

\* Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Segundo o autor, “o movimento contemporâneo das artes negras... criou uma nova topografia de lealdade e identidade na qual as estruturas e pressupostos do estado-nação têm sido deixados para trás porque são vistos como ultrapassados” (GILROY, 2001, p. 59).

Apesar de problemática em alguns sentidos: desconsidera em primeiro lugar as relações de poder entre Norte e Sul, e em segundo, o fato de essas comunidades estarem inseridas em estados-nação específicos e, Gilroy “traz a tona as semelhanças na região como um todo que a história nacionalista obscurece” (HALL, 2003, p. 36). É no sentido de questionar as fronteiras rígidas da nação que percebemos a contribuição de Gilroy fundamental para os estudos da diáspora. Não se trata de modo algum de uma alternativa para o estado-nação, mas de questionar/repensar/rever qualquer tentativa de identificar uma comunidade homogênea como uma nação.

Diáspora deve ser considerada como “um processo que tem um impacto no modo de viver do povo e na sociedade em que vivem”<sup>1</sup> (KALRA et al, 2005, p. 29). Sendo assim, a consciência da condição diaspórica questiona toda e qualquer forma de pertencimento, porque é “um produto de culturas e histórias em coalisão e diálogo”<sup>2</sup> (KALRA et al, 2005, p. 30). Em constante coalisão e em constante diálogo, diríamos.

Por esse motivo, Stuart Hall considera a cultura da diáspora um espaço contraditório, um lugar de questionamentos estratégicos, de processos de negociação. À medida que esses processos se articulam, chegamos ao que o autor chama de “estética diaspórica” ou seja, “adaptações aos espaços híbridos, contraditórios” (HALL, 2003, p. 346). O denominador comum, a experiência da escravidão e suas consequências se transformam no ponto de união das gentes da diáspora negra. Assim, se deve entender o discurso diaspórico como parte de uma “rede transnacional em movimento”, como observa James Clifford.

Hall também chama a atenção para o essencialismo, para um conceito fechado de diáspora que se apóia sobre uma concepção binária da diferença, ou seja entre o EU e o OUTRO. A cultura diaspórica tem que ser vista como um espaço contraditório, um local de contestação estratégica, que nunca “pode ser simplificada ou explicada nos termos das simples oposições binárias” (HALL, 2003, p. 339). Para Trinh Minh-ha, o ponto de partida é um estágio que possibilita pensar na diferença não como geradora de conflito, mas como uma “arma de criatividade para questionar múltiplas formas de repressão e domínio”<sup>3</sup> (MINH-HA, 1989, p. 24).

Consideramos a literatura essa arma de criatividade a qual se refere Minh-ha, ou seja, a literatura é o palco de resistência do sujeito diaspórico, local onde questões da diáspora são levantadas, questionadas, reforçadas. Espaço onde o sujeito diaspórico negocia e re-negocia suas identidades, onde configura suas identidades alternativas. Por isso mesmo deve ser entendida numa perspectiva transnacional que ultrapassa fronteiras.

É nessa linha de raciocínio que Carole Boyce-Davies (1994) propõe a literatura das mulheres da diáspora. A escrita das mulheres negras deve ser considerada sob perspectivas culturais, transnacionais, translocais e diaspóricas, que deve ser lida como “uma série de cruzamentos de fronteiras, não como uma categoria de escrita fixa geográfica, étnica ou nacionalmente”<sup>4</sup> (BOYCE-DAVIES, 1994, p. 4). É “a convergência de múltiplos lugares e culturas que re-negocia a experiência das mulheres negras que, ao mesmo tempo, negocia y re-negocia suas identidades”<sup>5</sup> (BOYCE-DAVIES, 1994, p. 3). Segundo Boyce-Davies, “essa proposta de leitura da escrita das mulheres negras redefine identidade longe da exclusão e da marginalização, porque redefine suas identidades, as re-conecta, e agrupa mulheres negras desconectadas no tempo e no espaço”<sup>6</sup> (BOYCE-DAVIES, 1994, p. 4).

Neste trabalho tento estabelecer possíveis relações com o legado histórico da diáspora, e para tal, me concentro na poesia de Cristina Rodríguez Cabral, do Uruguai; Marie Cécile

Agnant, do Haiti; e Conceição Evaristo, do Brasil: três poetas afro-descendentes de três países distintos. De Cristina, lemos *Memoria & Resistencia*, obra publicada na República Dominicana em 2004; de Marie-Célie, a coletânea de poemas intitulada *Balafres* (cicratizes), publicada com o apoio do “Conseil des Arts du Canada et des Programmes du multiculturalisme du Ministère du Patrimoine Canadien”; de Conceição selecionamos alguns poemas de seu livro *Recordar é Preciso*, ainda não publicado por falta de apoio. Concentro-me em três aspectos fundamentais tanto na obra de cada uma de nossas poetas como na formação de identidades afro-descendentes na América Latina: a afirmação de um eu-lírico feminino, negro; a percepção do lugar de origem; e a revisão historiográfica a partir de uma perspectiva negra.

Nascida em Port-au-Prince, Haiti, em 1953, Marie-Célie Agnant vive no Quebec desde 1970. Sua carreira literária inclui poesia, contos, romances. Seus textos já foram traduzidos a vários idiomas, tais como inglês, espanhol, italiano, coreano.

Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte e aí morou até o ano de 1971, quando se mudou para o Rio de Janeiro, onde vive até hoje. Poeta, romancista e contista, Evaristo já contribuiu com poesia e contos a vários números de *Cadernos Negros*, publicação dedicada à literatura afro-descendente. Seu primeiro romance *Ponciá Vicêncio*, foi publicado em 2003, e traduzido ao inglês em 2007. Em junho de 2006 publicou seu segundo romance, *Becos da Memória*.

Cristina Rodríguez Cabral nasceu em Montevideo, Uruguai, em 1959. Depois de uma longa passagem por várias cidades do Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Salvador) em 1992, se muda aos Estados Unidos em 1998, onde é professora universitária de literatura latino-americana.

Que aspectos em comum podem ter a poesia de cada uma delas? Ou, voltando a nossa pergunta inicial, como essas poetas articulam/negociam sua(s) identidade(s)? Se consideramos os títulos da obra de cada uma de nossas poetas (*Memoria & Resistencia*, *Balafres* e *Recordar é Preciso*), percebemos alguns pontos comuns dessas autoras. Resistir, recordar: verbos que nos antecipam que encontraremos um aspecto combatente na leitura das obras; memória, cicratizes: substantivos que trazem à tona um passado que deixa marcas (cicratizes), mas que não pode e nem se quer apagado (memória).

Ao ler seus trabalhos, percebemos que demonstram as mesmas preocupações. Seus poemas falam delas, de amor, de sua terra, de suas famílias, da história. São esses territórios diaspóricos que, segundo Constance Richards, nos permitem ver a experiência dessas mulheres em uma perspectiva mais ampla que em situações isoladas, ao mesmo tempo que reconhece as limitações de uma perspectiva global que tenta homogeneizar experiências, e mascara especificidades históricas.

Em sua proposição de uma “nova consciência mestiça, que se move “constantemente para fora das formações cristalizadas” (ANZALDÚA, 2005, p. 706), a autora aponta para uma saída:

O trabalho da consciência mestiça é o de desmontar a dualidade sujeito-objeto que a mantém prisioneira, e o de mostrar na carne e através de imagens no seu trabalho como a dualidade pode ser transcendida [...] Extirpar de forma massiva qualquer pensamento dualista no indivíduo e na consciência coletiva representa o início de uma longa luta, que poderá, com a melhor das esperanças, trazer o fim do estupro, da violência, da guerra (ANZALDÚA, 2005, p. 707).

Assim, marcadas por formas de dominação que perpassam o paternalismo de nossas sociedades e o sistema colonial, produtos de separações, de deslocamentos, de desmenbramentos, essas mulheres ao construírem, através de sua escrita, estratégias para reverter essa situação

estão, ao mesmo tempo, se reconstruindo. A escrita nesse caso deve ser pensada como um processo constante de auto-(re)definição.

Por ser um processo constante de auto-(re)definição, a constituição de um sujeito negro feminino é o primeiro aspecto que nos interessa abordar neste trabalho. Percebemos, então, que é a necessidade de encontrar, de definir seu lugar, de se impor que faz com que o eu-poético em “Eu-mulher”, de Conceição Evaristo se perceba como a força que move o mundo por ser aquela aquela que gera a vida: “Eu-mulher / abrigo da semente / moto-contínuo do mundo”.

Ser mulher e negra na América Mestiza: assim se percebe Cristina Cabral em “Candombe de resistência”. Ao afirmar “Soy una negra uruguaya / parida en la América Mestiza, / Latina, / hispana, / sudamericana que más da; / soy ante todo / un Ser Humano”, o eu-poético rompe com categorias de Estado-Nação para afirmar-se como mulher.

Marie-Celie em “Euménides” se revolta com o mundo masculino, se revolta por ter que usar a língua dos homens para tentar se expressar, mas essa língua não é suficiente, o que, além de questionar o paternalismo, proporciona uma sensação de poder ao eu-poético feminino: “dans la langue des hommes / point de mots / pour peindre mes ramos”.

As estratégias utilizadas pelas escritoras da diáspora nos levam ao que Boyce-Davies chama de subjetividade autobiográfica (autobiographical subjectivity). Para ela, “a subjetividade autobiográfica da Mulher Negra é uma das maneiras nas quais a fala é articulada e a geografia redefinida”<sup>7</sup> (BOYCE-DAVIES, 1994, p. 21). Deste modo, ainda segundo a autora, “a re-escritura do lugar de origem se torna um ponto de união crucial na articulação de identidade. É um jogo de resistência à dominação que identifica de onde viemos, mas também localiza o lugar de origem em suas muitas experiências transgressivas” (BOYCE-DAVIES, 1994, p. 115)<sup>8</sup> Assim, “a migração cria o desejo pelo lugar de origem, o qual produz a reescrita desse lugar. Saudade ou abandono, a rejeição ao lugar de origem ou o desejo por esse lugar se tornam os fatores que motivam essa reescrita. O lugar de origem só tem sentido quando se tem a experiência do deslocamento. Ainda assim, é contraditório, um espaço contestado, um locus de alienação” (BOYCE-DAVIES, 1994, p. 113).<sup>9</sup>

Stuart Hall observa que os escritores da diáspora “têm mantido vivo no exílio um forte senso do que é ‘a terra de origem’”(HALL, 2003, p. 27). Mas, se por um lado, a terra torna-se, de certa forma, irreconhecível, ou seja, os elos naturais e espontâneos que antes possuíam são interrompidos por suas experiências diaspóricas, por outro, há a tentativa de preservação de uma identidade cultural, de uma sensação de pertencimento a algum lugar. Essa é a sensação familiar e profundamente moderna de des-localamento (HALL, 2003, p. 27), característica comum nas literaturas da diáspora, geralmente relacionada à alienação física de grandes populações, à escravidão, à imposição da língua colonial.

Edward Said em suas “Reflexões sobre o exílio” nos diz que

[...] o exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experimentar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história comtêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (SAID, 2001, p. 46).

Processo doloroso, que para Marie-Célie, é representado por meio da lembrança da miséria, da fome, ainda que disfarçada numa festa. Suas memórias são brutas justamente porque é a pobreza que vem à mente. Um carnaval, um homem faminto fantasiado de touro, dançando ao ritmo da agonia. É um homem negro, descalço: “pés confundidos com o asfalto”. Desespero,

vertigios desconfortáveis, as pessoas são múmias cobertas de suor e lama. Festa e fome, prazer e desespero - tais são as imagens que o eu-poético traz do Haiti.

Esse mesmo sentimento de aversão se repete em “La Gésine”, o parto. Nesse ato estritamente feminino, a voz poética dessa mulher sente a necessidade de “parir palavras” que se refiram a sua pátria. Mas o país é gangrenado, pequeno demais para seu ódio, sua voz é um estilete, que corta, fere. É, então, um parto doloroso, problemático, quase que um aborto, eu diria:

ce pays gangrené  
trop petit pour ma haine  
ma voix est un surin (macieira nova)  
ma voix est un stylet (AGNANT, 1994, p. 34)

Em “Monte-vi-deo”, de Cristina Cabral verificamos a mesma temática de resistência e libertação. Num primeiro momento, o eu-lírico se sente parte do lugar onde nasceu, no caso Montevideu:

Ciudad que me ha visto nacer, crecer  
amar, sufrir  
morir  
y hasta resucitar [...] (CABRAL, 2004)

Já num segundo momento, observamos uma total rejeição da cidade em relação a esse eu-lírico, que agora está condenado ao exílio, a buscar outras alternativas:

hoy me mira con ojos extraños  
me señala su tradicional  
dedo crítico  
y me condena al exilio (CABRAL, 2004)

Marvin Lewis afirma que:

Monte-vi-deo é um poema de rejeição de uma perspectiva de um sujeito negro alienado. A pergunta implícita é, ‘Por que nós, se fomos uma parte integral do seu ser?’ mas o isolamento, o exílio interno, as atrocidades do passado não são suficientes para impedir a protagonista de resistir a marginalização. Monte-vi-deo é um poema de isolamento social e espiritual. A voz poética se vê orfã numa sociedade insensível que não percebe valores positivos na existência do Afro-uruguaios (LEWIS, 2003, p. 99)<sup>10</sup>.

Conceição Evaristo em “Mineiridade” vê seu lugar de origem, Minas Gerais como lugar ideal, aquele deixado para trás. O uso do que poderíamos chamar vocabulário mineiro, tais como “trem”, “uai”, da comida geralmente associada a Minas Gerais: queijo e quiabo, e a referência ao jeito de ser mineiro, ainda que estereotipado, levam o eu-poético de volta a uma terra idealizada, que não é necessariamente a real. É essa sensação de exílio que a leva a entrar em conflito com a sua dura realidade:

Quando chego de Minas  
trago sempre na boca um gosto de terra.  
Chego aqui com o coração fechado,  
Um “trem” esquisito no peito.

Meus olhos chegam divagando saudades,  
meus pensamentos cheios de “uais”  
e esta cidade aqui me machuca  
me deixa maciça, cimento  
e sem jeito.  
Chegando de Minas  
trago sempre nos bolsos  
queijos, quiabos babentos  
da calma mineira.  
É duro, é triste  
ficar aqui  
com tanta mineiridade no peito (EVARISTO).

Nesses três poemas observamos claramente como a consciência da diferença emerge contra uma forma cultural dominante (Haití, Montevideo, Rio de Janeiro), que desafia o sentido de pertencimento do sujeito diaspórico, desafiando, conseqüentemente, seu sentido de identidade.

Outro aspecto de fundamental importância na poesia de nossas autoras é a recuperação da história através de uma voz estritamente feminina. Vale lembrar, então, as observações de Andréas Huyssen sobre o florescimento do discurso da memória. Segundo o autor, “um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais” (HUYSSSEN, 2000, p. 9). Além disso, ainda de acordo com Huyssen, “discursos de memória de um novo tipo emergiram pela primeira vez no ocidente depois na década de 1960, no rastro da descolonização e dos novos movimentos sociais em busca por histórias alternativas e revisionistas” (HUYSSSEN, 2000, p. 11). Afirma também que “ao mesmo tempo, é importante reconhecer que embora os discursos de memória possam parecer, de certo modo, um fenômeno global, no seu núcleo eles permanecem ligados às histórias de nações e estados específicos [...] o lugar *político* das práticas de memória é ainda nacional e não pós-nacional ou global” (HUYSSSEN, 2000, p. 13).

“Vozes-Mulheres”, um extenso poema no qual o eu-lírico rememora a história da sua família, recuperando, assim, a história das mulheres afro-descendentes no Brasil. No início do poema, a imagem de sua avó, ainda criança, trazida ao “Novo Mundo” como escrava. Gritos e lamentos de uma infância perdida para o sistema colonial são ouvidos no porão do navio, lugar onde os escravos eram transportados:

A voz de minha bisavó ecoou  
criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida (EVARISTO).

Passamos para a imagem da sua avó, que simboliza todas as mulheres vítimas do sistema escravista:

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

Sua mãe, como muitas afro-descendentes no Brasil, é a imagem da continuação do sistema escravista no Brasil, ou seja, representa a falta de mecanismo de acesso a melhores condições sócio-

econômicas, sendo obrigada a realizar funções pouco remuneradas nas casas dos “senhores”. Mas é na imagem de sua mãe, dessas mulheres que lutam diariamente, que observamos os primeiros sinais de resistência:

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagem suja dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela (EVARISTO).

Sua voz, ainda perplexa com as injustiças sociais. Imagens de sangue e fome denotam a violência do sistema social brasileiro:

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e fome (EVARISTO).

É na imagem de sua filha, símbolo do passado, do presente e esperança para o futuro, símbolo de uma geração que carrega a história dos afro-descendentes e que, por isso mesmo, se vê obrigada a mudar o rumo dessa história dos que os primeiros vestígios de uma verdadeira libertação serão percebidos:

A voz de minha filha  
recorre todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida-liberdade (EVARISTO).

Em “Candombe de resistência” (p. 17), Cristina Cabral também traça a história dos negros no Uruguai através da figura feminina, recuperando, dessa maneira, a história das mulheres afro-descendentes nesse país.

Mi abuela fue lavandera  
y mi abuelo historiador.  
.....  
La abuela de mi abuelo  
de niña fue esclava;  
.....  
Mi madre no heredó  
esa loca pasión por los libros,  
así como tampoco vacilo

en curvar su espalda  
lavando pisos  
para poder pagarme  
la mejor educación posible.

.....  
De allí he surgido yo  
navegando libros,  
mares,  
y penas [...] (CABRAL, 2004).

Como no poema de Conceição Evaristo, observamos que é na filha que estão depositadas todas as esperanças de um futuro melhor:

Mi hija es también otra guerrera,  
bebe a diario del bagaje cultural ancestral  
y genealógico  
de intentar ser cada día mejor (CABRAL, 2004).

Marie Célie em “Perejil” (88) reconta um episódio da história do Haiti que marcou profundamente aquele país, e que é também recuperado por Mario Vargas Llosa em *La Fiesta del Chivo* e por Freddy Presto Castillo em *El Masacre se pasa a pie*. Haití, país predominante negro colonizado por franceses divide o território com a República Dominicana, colonizada por espanhóis. Assim, desde o momento de sua formação como nação independente, os dominicanos forjam sua identidade em contraste com o Haiti. Dessa maneira, se o Haiti é negro, africano e praticante do vudú, a República Dominicana se quer branca, espanhola e católica. Durante a ditadura do General Trujillo intensifica-se esse sentimento de hispanidade e, conseqüentemente, mata-se todos os haitianos que estão no país, especialmente na região da fronteira. Para certificarem-se de que essa população a ser expulsa era realmente originária do país vizinho, pedia-se que dissessem a palavra “perejil”, uma vez que falantes nativos de francês em geral não conseguem pronunciar a letra “j”, pelo seu som gutural.

C’était une matin comme lès autres  
un matin de belle aube caraibe  
un matin d’octobre  
.....  
Lès coqs n’avaient pás annoncé la folie  
mais elle avait jailli dans les cannaies  
elle avai nom PEREJIL (AGNANT, 1994).

Relembrar esse trágico episódio da história haitiana (a ditadura do General Trujillo vai de 1930 a 1961, ano em que é assassinado) é relembrar a história do Haiti negro, pobre, analfabeto. História que contrasta com a dos negros do Haiti de Alejo Carpentier em *El Reino de Este Mundo*, mas que não pode e nem deve ser esquecida. Por isso, o contraste entre a beleza do Caribe e o horror da matança, significando que o terror e a beleza estão lado a lado na pequena ilha do Caribe.

Nos últimos 50 anos vem sido debatido no meio acadêmico feminista a função da mulher como a transmissora da cultura. Claro que tal afirmação pode ser questionada, mas observamos que no caso das escritoras aqui analisadas existe essa preocupação de transmitir, preservar, conservar a história da terra de origem, como meio de mantê-la viva. Por isso, a opção de Cri-



situa e Conceição de contar a história da escravidão nos seus respectivos países, e no caso de Marie-Célie, é o Haiti contemporâneo que deve ser lembrado e re-visitado.

Para concluir, podemos afirmar que a literatura das mulheres da diáspora pode e deve ser lida como parte de um processo rebelde de auto-conhecimento, daí a predominância de temas comuns. A escrita ocorre de modo pessoal, de acordo às especificidades locais e histórias pessoais, uma vez que a temática da diáspora engloba memórias de uma migração forçada, escravidão, dominação colonial, deslocamento. Em nossas três poetisas observamos a sensação de deslocamento se deve, também, ao fato de terem que lidar com o mundo masculino que guarda resquícios da colonização. Como resultado, a necessidade de “falar”, de se afirmarem mulheres. Assim, a escrita para elas representa um ato de resistência, a partir do momento em que se valem da escrita para se fazerem ouvir. Trinh Minh-ha, em suas considerações sobre a escrita feminina, afirma que: “como um ponto focal de consciência cultural e mudança social, a escrita traduz as relações complexas das problemáticas raciais e de gênero cultural e a prática literária é o lugar onde a alienação social se frustra segundo o contexto específico”<sup>11</sup> (MINH-HA, 1989, p. 6). É uma forma de reinventar o mundo.

#### **ABSTRACT**

The purpose of this article is to trace possible territories of afro-descendent feminine writing, establishing relations with the historical legacy of diaspora. I base my study in the poetry of Conceição Evaristo, from Brasil; Cristina Cabral, from Uruguay; and Marie-Célie Agnant, from Haiti. I concentrate in three aspects that I consider most relevant for the purpose of this study: self-perception, the writing of home and revision of history.

**Keywords:** Diaspora. Transnacionality. Feminism.

#### **Notas explicativas**

- <sup>1</sup> No original: “a process which has an impact on the way people live and upon the society in which they are living”
- <sup>2</sup> “entirely a product of cultures and histories in collision and dialogue”
- <sup>3</sup> No original: “a tool of creativity to question multiple forms of repression and dominance”
- <sup>4</sup> No original: “a series of boundary crossings and not as a fixed, geographical, ethnically or nationally bound category of writing”. (p. 4)
- <sup>5</sup> No original: “the convergence of multiple places and cultures that re-negotiates the terms of Black women’s experience that in turn negotiates and re-negotiates their identities”. (p. 3)
- <sup>6</sup> No original: “this reworking of the grounds of ‘Black Women’s Writing’ redefines identity away from exclusion and marginality, because it “redefines its identity as it re-connects and re-members, brings together black women dis-located in space and time”. (p.4)
- <sup>7</sup> No original: “the autobiographical subjectivity of Black Women is one of the ways in which speech is articulated and geography redefined.” (p. 21)
- <sup>8</sup> No original: “the rewriting of home becomes a critical link in the articulation of identity. It is a play of resistance to domination which identifies where we come from, but also locates home in its many transgressive and disjunctive experiences”. (p.115)
- <sup>9</sup> No original: “Migration creates the desire for home, which in turn produces the rewriting of home. Homesickness or homelessness, the rejection of home or the longing for home become motivating factors in this rewriting. Home can only have meaning once one experiences a level of displacement from it. Still home is contradictory, contested space, a locus for misrecognition and alienation”. (p. 113)
- <sup>10</sup> No original: “Monte-vi-deo is a poem of rejection from the perspective of an alienated black subject. The implicit question is, “Why us, if we have been such an integral part of your being?” but the isolation, the inner exile, the past atrocities are not enough to impede the protagonist from resisting marginalization. Monte-vi-deo is a poem of social and spiritual isolation. The poetic voice views itself as an orphan in an insensitive society that sees no positive value in the existence of Afro-Uruguayans”.

<sup>11</sup> No original: as a focal point of cultural consciousness and social change, writing weaves into language the complex relations of a subject caught between the problems of race and gender and the practice of literature as the very place where social alienation is thwarted differently according to each specific context. “ (p. 6)

## Referências

- AGNANT, Marie-Célie. *Balafres*. Collection Voix du Sud. Monreal: CIDIHCA, Collection Voix du Sud, 1994.
- ANZALDÚA, Gloria. “La consciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 704-719, 2005.
- BOYCE-DAVIES, Carole. *Black, women, writing, and identity*. Migrations of the subject. New York & London: Routledge, 1994.
- CABRAL, Cristina. *Memória & Resistência*. Santo Domingo: Editora Manatí, 2004.
- EVARISTO, Conceição. *Recordar é preciso*. (Obra não publicada).
- HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (Org.) Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.
- HUYSSSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória*. Tradução Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- KALRA, Virinder S. et al. *Diaspora & Hybridity*. London, Thousand Oaks, New Delhi: 2005. 158p.
- LEWIS, Marvin. *Afro-Uruguayan literature Post-Colonial Perspective*. London: Associated University Press, 2003.
- MINH-HA, Trinh. *Woman, Native, Other: writing postcoloniality and feminism*. Indiana: Indiana University Press, 1989.
- RICHARDS, Constance. *On the winds and waves of imagination*. Transnational Feminism and Literature. New York: Garland Publishing, 2000.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o Exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.